

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS FELIZ

**A REPRESENTAÇÃO DO VIAJANTE EM CRÔNICAS DA OBRA *UM BRASILEIRO
EM BERLIM*, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO**

CAMILA ULMER DA SILVA

FELIZ/RS
2019

CAMILA ULMER DA SILVA

A REPRESENTAÇÃO DO VIAJANTE EM CRÔNICAS DA OBRA *UM BRASILEIRO EM BERLIM*, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul– Campus Feliz.

Orientadora: Profa. Dra. Tatiane Kaspari

FELIZ/RS
2019

CAMILA ULMER DA SILVA

A REPRESENTAÇÃO DO VIAJANTE EM CRÔNICAS DA OBRA *UM BRASILEIRO
EM BERLIM*, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Aprovada em 26 de Setembro de 2019

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Tatiane Kaspari
Orientadora

Prof^a. Dra. Débora Bender
Avaliadora

Prof^a. Dra. Izandra Alves
Avaliadora

AGRADECIMENTOS

À minha família, por ser tão maravilhosa. Eu nunca poderia agradecer o suficiente por todo amor incondicional demonstrado através de tua presença nesses momentos difíceis. Definitivamente, eu não conseguiria concluir este trabalho sem o apoio da minha família, sem o suporte, o incentivo e as palavras de encorajamento. Obrigada por não desistirem de mim!

A Deus, o todo poderoso e nosso criador pelo dom da vida, pois, ele é a razão da existência de tudo que nos rodeia. Obrigada por ter colocado em minha vida a minha família e as pessoas que estão presentes no meu dia a dia, que me possibilitam crescer como pessoa, como acadêmica e como futura profissional na área de Letras.

À minha professora e orientadora, Tatiane, por ter me apresentado a teoria frente a questões culturais, de identidade e linguagem dentro da perspectiva literária, que me encantou juntamente com a literatura de viagem. Agradeço muito por ter me orientado com paciência e sabedoria, além do incentivo e das palavras de encorajamento, enfim, por ter sido compreensiva e humana em todos os momentos. Quero que saibas que tens minha admiração e apreço.

À minha colega, Ariadine e ao seu pai, Clovis, por terem feito parte da minha “viagem acadêmica”, onde todos os dias o senhor Clovis foi o nosso amigo e motorista, que nos conduzia diariamente da cidade de Caxias do Sul até a cidade de Feliz e vice-versa. Muito obrigada por vocês terem colaborado com a questão do deslocamento, e principalmente, pela paciência e alegria que o senhor Clovis nos passou durante as viagens.

Ao meu amigo, Edcleberton, obrigada por todas as boas conversas e pelas trocas de ideias acerca da literatura de viagem.

Aos meus colegas, pelas conversas que tornaram meus dias mais leves e descontraídos.

A todos os professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica pelos sábios conhecimentos que me proporcionaram, sem os quais não seria possível chegar até onde cheguei. Com eles, aprendi a desvendar um pouco mais os caminhos do conhecimento e da sabedoria.

Por fim, a todos que sempre acreditaram em mim, conhecidos ou anônimos, o meu muito obrigada!

“Os leitores são viajantes; circulam em terras alheias; são nômades que caçam furtivamente em campos que não escreveram”.

Michel de Certeau, 2000

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar a figura do viajante dentro de seis crônicas da obra *Um Brasileiro em Berlim*, de João Ubaldo Ribeiro, pesquisando questões culturais, de identidade e de linguagem presentes nos textos. As obras de literatura de viagem, como as crônicas mencionadas, trazem questões culturais, sociais, de identidade, estereótipos, utopias, que possibilitam ao leitor desenvolver o senso crítico, a curiosidade e refletir sobre a sua própria cultura e identidade. A base teórica que sustenta o estudo é de caráter interdisciplinar, abarcando autores como Zygmunt Bauman (2012), Roy Wagner (2017), Stuart Hall (2006), Patrick Charadeau (2009), Michel Onfray (2009), Renato Modernell (2011). Na pesquisa, o percurso metodológico é de natureza qualitativa/quantitativa e contempla revisão bibliográfica de teóricos voltados a reflexões sobre cultura, identidade, linguagem e literatura de viagem; e análise de conteúdo do *corpus* selecionado. As categorias elencadas durante a pesquisa são “Linguagem e identidade”, “Choque cultural” e “Estereótipos”. Os resultados obtidos demonstram que o registro do narrador oscila entre a figura do viajante e a do turista. Entretanto, predomina a figura do viajante, que conduz à subjetividade, convidando o leitor a expandir a consciência em relação ao *eu*, ao outro, ao mundo e aos contextos sociais onde está imerso.

Palavras-chave: Cultura. Identidade. Linguagem. Literatura de viagem. Viajante/Turista.

ABSTRACT

This study aims to analyze the traveler representation within six chronicles of João Ubaldo Ribeiro's *Um Brasileiro em Berlim*, researching cultural, identity and language issues in the texts. Travel literature books such as the chronicles mentioned raise cultural, social, identity, stereotype, utopian issues that enable the reader to develop critical thinking, curiosity and reflect on their own culture and identity. The theoretical base that sustains the study is interdisciplinary feature, embracing authors as Zygmunt Bauman (2012), Roy Wagner (2017), Stuart Hall (2006), Patrick Charadeau (2009), Michel Onfray (2009), Renato Modernell (2011). In the present research, the methodological course is qualitative and quantitative; it includes a literature review of theorists focused on reflections on culture, identity, language and travel literature; and also the content analysis of the selected corpus. The categories listed during the research are "Language and Identity", "Culture Shock" and "Stereotypes". The results show that the narrator's record oscillates between the traveler and the tourist representation. However, the traveler representation predominates, which leads to subjectivity, inviting the reader to expand his/her consciousness in relation to the self, to the other, to the world and to social contexts where he/she is inserted.

Keywords: Culture. Identity. Language. Travel literature. Traveler/Tourist.

Lista de Figura

Figura 1: Nuvem de palavras presentes na obra principal analisada.....	29
---	----

Lista de Tabela

Tabela 1: Dados quantitativos gerados pelo Software <i>Iramuteq</i>	30
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CULTURA E IDENTIDADE.....	13
2.1 Cultura.....	13
2.2 Identidade e Linguagem.....	17
3 LITERATURA DE VIAGEM.....	21
3.1O que é e como surgiu a Literatura de Viagem?.....	21
3.2O que é o viajante?.....	24
4 VIAJANTE OU TURISTA:UMA ANÁLISE DE CRÔNICAS DE JOÃO UBALDO RIBEIRO.....	28
4.1 Metodologia.....	28
4.2 Leitura Global e análise quantitativa.....	29
4.3 Análise qualitativa – categorias e a figura do viajante presentes nas crônicas.....	32
4.3.1Linguagem e identidade nas crônicas “O Tartamudo do Kurfurstendamm” e “Vida Organizada”.....	32
4.3.2Choques Culturais nas crônicas “Pequenos choques (Quatro anotações de um visitante distraído)” e “Storkwinkel 12, Rio”.....	35
4.3.3Estereótipos nas crônicas “Os índios de Berlim” e “Procurando o Alemão”.....	39
5 CONSIDERAÇÕESFINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE -Tabela resumo das crônicas presentes na obra analisada.....	46
ANEXO -Categorias geradas pelo software <i>Iramuteq</i>	53

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata sobre a representação do viajante em crônicas da obra: *Um brasileiro em Berlim*, de João Ubaldo Ribeiro. A obra traz crônicas sobre vivências do narrador em Berlim. Há, nelas, experiências sobre língua, cultura e identidade, vivenciadas por ele. Desta forma, o livro representa os aspectos do viajante, com ênfase na literatura de viagem, que é um subgênero pouco discutido e analisado (ONFRAY,2009).

O objetivo principal, em questão, é analisar como o viajante é representado em tais crônicas de João Ubaldo Ribeiro. Além disso, pretende-se discutir aspectos da cultura e da identidade no mundo contemporâneo; caracterizar a figura do viajante e da Literatura de Viagem; analisar as características do viajante e como ele é representado na obra do referido autor.

O viajante pode ser um sujeito que se desloca para um local onde poderá se relacionar com diversas culturas, idiomas e será capaz de refletir sobre elas na formação ou reformulação de sua própria identidade. Ele deve ser considerável dentro da obra de João Ubaldo Ribeiro e na literatura de viagem, pois não vai apenas se mover a algum lugar, ou simplesmente viajar, mas poderá ter outros objetivos importantes com um viés cultural, econômico e social.

A metodologia do trabalho é de cunho bibliográfico, e a obtenção dos resultados se dá por pesquisa qualitativa/quantitativa, para fins descritivos. O público-alvo da pesquisa são estudantes de diversas áreas da educação e professores, mas a pesquisa, também, será útil para todos os leitores que buscam uma autorreflexão acerca da presente temática.

A análise apoia-se em pesquisa bibliográfica, realizada através da investigação a partir da leitura já existente e de livros com assuntos relacionados com a pesquisa em questão (cultura, identidade, linguagem, literatura de viagem e o viajante/turista), fichamento e referência. Além de ser um livro divertido e com uma linguagem fácil, a obra traz a figura do viajante, que apresenta um enfoque literário sobre a literatura de viagem, que esta o leitor poderá prender-se com a viagem por meio da figura do viajante sobre a cultura, a linguagem e a identidade.

Em seguida, o corpus *Um brasileiro em Berlim*, de João Ubaldo Ribeiro é submetido ao *software Iramuteq*, para fundamentar a análise de conteúdo. Esta

análise foi realizada nas seguintes categorias: Linguagem e identidade, Choques Culturais e Estereótipos.

É significativo conhecer a literatura de viagem, ampliar pesquisas sobre ela, e dar visibilidade a novos teóricos. As obras de literatura de viagem, como as crônicas mencionadas, trazem questões culturais, sociais, de identidade, estereótipos, utopias, que possibilitam ao leitor desenvolver o senso crítico, a curiosidade e refletir sobre a sua própria cultura e identidade. Portanto, ela é significativa para diversas áreas do conhecimento, por apresentar diferentes temáticas, permitindo o trabalho interdisciplinar por meio de projetos. Além disso, estes textos literários podem ser um recurso que mobiliza o fazer docente.

2 CULTURA E IDENTIDADE

Neste primeiro capítulo, apresentam-se os conceitos de cultura e identidade na contemporaneidade, em relação à mídia, ao senso comum e à sociedade atual. Para isso, o trabalho recorre aos estudos de Roy Wagner (2017), Zygmunt Bauman (2012) e Stuart Hall (2006). A abordagem desses conceitos contribui para compreender a cultura dentro da contemporaneidade.

2.1 Cultura

Atualmente, quando se fala em cultura, no geral, as pessoas atribuem um status referente às classes sociais, à ação humana, à fé, ao acúmulo de estudos, ao uso da fala requintada. Todavia, o conceito é mais amplo e está relacionado a diferentes áreas do saber, como artes, moda, literatura, dentre outras, como a definição antropológica de Roy Wagner:

A antropologia estuda o fenômeno do homem – a mente do homem, seu corpo, sua evolução, origens, instrumentos, arte ou grupos, não simplesmente em si mesmos, mas como elementos ou aspectos de um padrão geral ou de um todo. Para enfatizar esse fato e integrá-lo a seus esforços, os antropólogos tomaram uma palavra de uso corrente para nomear o fenômeno e difundiram seu uso. Essa palavra é cultura. Quando eles falam como se houvesse apenas uma cultura, como em “cultura humana”, isso se refere muito amplamente ao fenômeno do homem; por outro lado, quando falam sobre “uma cultura” ou sobre “as culturas da África”, a referência é a tradições geográficas e históricas específicas, casos especiais do fenômeno do homem. Assim, a cultura se tornou uma maneira de falar sobre o homem e sobre casos particulares do homem, quando visto sob uma determinada perspectiva. É claro que a palavra “cultura” também tem outras conotações e importantes ambiguidades [...] (WAGNER, 2017, p.25).

Esse conceito é redimensionado, na atualidade, com os avanços tecnológicos. Junto às redes sociais, vivemos, hoje, num mundo em que as informações estão facilmente ao nosso alcance. Entretanto, há conhecimentos que necessitam serem compreendidos, para que os sujeitos não acabem se sentindo excluídos de alguns assuntos, dentro de uma conversa. Como descrito por Zygmunt Bauman,

Falamos de cultura sempre que a vida produz certas formas pelas quais se expressa e se realiza – obras de arte, religiões, ciências, tecnologia, leis e uma infinidade de outras. Essas formas abrangem o fluxo da vida e lhe fornecem conteúdo e forma, liberdade e ordem. Mas embora surjam a partir dos processos da vida, em função de sua singular constelação, elas não compartilham seu ritmo agitado. [...] Adquirem identidades estáveis, uma lógica e uma legitimidade próprias. Essa nova rigidez as coloca

inevitavelmente a certa distância da dinâmica espiritual que as criou e que as torna independentes. [...] Eis aí a principal razão pela qual a cultura tem uma história. [...] Cada forma cultural, uma vez criada, é consumida a ritmos variáveis pela força da vida. (2012, p. 17)

O comportamento humano e social não se desenvolvem exclusivamente pelo meio, pois há variação cultural que podem, ou não, intervir nesse comportamento. Bauman apresenta o conceito hierárquico, que se refere a alguém que é culto e instruído; o conceito diferencial, que explica diferenças entre povos, cada um com costumes próprios (língua, religião etc.); o conceito genérico de cultura, que afirma que só o ser humano possui elementos universais (valores universais éticos e religião); e o conceito de difusionismo, que fala que uma determinada inovação, começa em uma cultura definida, para depois ser difundida de várias formas a partir desse ponto inicial e que, aos poucos, se espalha como “empréstimos culturais”.

Dentro da sociedade, pensando no “todo” e na questão do difusionismo, podemos refletir acerca das relações de poder, tanto sociais, quanto consumistas. Por exemplo, ao comprar um perfume francês, o sujeito está atribuindo também, um status de poder e grande valia ao país de origem de tal perfume. Há o lado oposto, referente a países ou localidades que não aparecem constantemente no universo midiático e televisivo como lugares lindos para visitar, são desconhecidos ou até menosprezados pelos indivíduos que os desconhecem e fazem seus julgamentos levados pelo que é imposto pela “sociedade midiática”.

Partindo de estereótipos midiáticos, que divulga fotos e hábitos de determinadas localidades, o indivíduo acaba realizando “empréstimos culturais”, às vezes, sem se dar conta. Stuart Hall diz que o local em que nascemos e estamos inseridos, em uma determinada sociedade, faz com que nós acabemos atribuindo-nos uma nacionalidade e, com ela, fazendo associações comparativas a traços genéticos de outras nacionalidades e descendências. Para o pesquisador,

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos neles como se fossem parte de nossa natureza essencial. (HALL, 2006, p.47).

Quando levamos em conta o fato de pertencermos a uma cultura e de existirem outras que são semelhantes ou diferentes, há uma ideia de “relação”. “As culturas

surgem do encontro intercultural, em que uma cultura envolve a relação entre duas variedades do fenômeno humano; ela visa à criação de uma relação intelectual entre elas, uma compreensão que inclua ambas”. (WAGNER, 2017,p. 27).

Há algo múltiplo em cada cultura e nas relações entre elas, que podem estar permeadas por ligações de poder e hierarquia. Há grupos ou pessoas que não têm acesso aos meios de produção de cultura em massa, mas esses indivíduos estão fazendo parte da sociedade e, indiretamente, através do contato com o outro, acabam vendo como o outro está se vestindo atualmente, o que ele traz na sua fala sobre algo que ouviu na televisão, ou o que é dito como moda atual etc.

O que difere os que têm dos que não têm acesso aos meios de produção de cultura em massa é poder do consumo, de forma que uns podem consumir e outros até gostariam, mas não podem. Aqueles que consomem, muitas vezes, fazem-no por estar imposto pela mídia, sem tomar consciência se realmente precisam comprar tal produto. Como dizia Bauman (2012), vivemos em uma sociedade líquida, em que as informações estão sendo despejadas de certa maneira que não conseguimos dar conta e nem refletimos sobre elas; são tantas promoções, tantas linguagens persuasivas que a mídia nos passa que acaba fazendo com que operemos por impulso. Segundo Wagner,

Objetos e outros fenômenos humanos que nos cercam – na verdade, todas as coisas dotadas de valor ou significância cultural – são nesse aspecto “investidos” de vida; fazem parte do eu e também o criam. À luz desse fato, a “produção em massa” e seus correlatos comerciais e tecnológicos só podem levar a uma espécie de inflação do caráter e das qualidades humanas. Temos emoções descartáveis, ideias que despendem suas energias em orgias fugazes do viver intempestivo, literaturas cujas edições passam por ciclos nupciais como os insetos, hibernação, reemergência, metamorfose etc., e por fim, ai de mim, pessoas descartáveis. (WAGNER,2017, p.118).

Os interesses formados culturalmente e a cultura constituem uma “ilusão”. Ela acaba dando conta dos diversos modos de simbolizar o homem nas formas de como se veste, age, fala, o que consome em um dado momento. A propaganda atua nessas relações cotidianas. Portanto,

A propaganda é apenas uma das maneiras pelas quais os americanos precisam revitalizar sua Cultura, e seu compromisso com a Cultura, para poder mantê-la de algum modo. Há também “as notícias”, o jornalismo, o entretenimento, a exploração científica e a artística, as mensagens de Deus e o mundo “marginal” daqueles que querem viver uma inversão da Cultura, bem como suas muitas zonas cinzentas. Todos estes têm sua “magia”, todos precipitam a Cultura- pelo menos como o pano de fundo de suas esperanças- e todos estão sujeitos às mesmas condições de operação. Até mesmo o

governo tem de entrar em ação. A propaganda é apenas o aspecto “socioeconômico” de um vasto e gradual para preservar a nossa cultura e ao mesmo tempo consumi-la. (WAGNER, 2017, p.107).

Fazendo alusão ao universal, que a representação cultural é individual, lembramos de algo que parece até ser óbvio. Como diria Wagner (2017), as expressões faciais humanas são universais, no sentido que uma careta específica expressa o sentimento de raiva para todas as culturas, assim como outra representa o sentimento de tristeza, felicidade, etc. O único aspecto das emoções que sofre influência cultural é como elas são vistas e tratadas pela sociedade.

Partindo desse pensamento, tudo que é particular, é da cultura e, o que é universal é do meio (natureza). Bauman fala que nada que é universal é cultural. Seguindo a visão, ele apresenta o difusionismo como “algo global”, e afirma que há estereótipos neste “globo”: “A ‘cultura interpretativa’ fornece um contexto de sentido para o viver da vida cotidiana. Ela gera e alimenta uma audiência particular e desenvolve uma aproximação metafórica da Cultura como em seu funcionamento lógico”. (WAGNER, 2017, p.107).

Conforme apresentada por Bauman, a teoria do etnocentrismo determina que uma cultura é superior à outra, desenvolvida hierarquicamente, gerando conflitos sociais. Em casos extremos, junta-se a características racistas e desumanas, por considerar a sua cultura o centro de tudo. Já o relativismo, como visto anteriormente, observa a cultura e a sociedade no mesmo plano, e o indivíduo tem a sua cultura, que está em constante processo de ajuste, através da interação com outras culturas.

Lembremo-nos da questão do relativismo cultural ou, como registra o senso comum, da importância de se colocar no lugar do outro. Ele é significativo para que quebrem as estereotípias, para que haja respeito e consciência pelas demais culturas e sujeitos, além de buscar uma autorreflexão sobre o que desconhecemos, o que achamos e o que rotulamos. Todos têm uma cultura própria, sendo que nenhuma é a mais certa ou errada, cada uma tem a sua importância. No momento em que o ser humano vive de “achismos”, atrás da sua “lente cor de rosa”, outros estão sendo rotulados e menosprezados pela sociedade.

A tendência da cultura é manter-se a si própria, reinventando-se. De acordo com Wagner (2017), o trabalho da cultura, então, é inventar a vida a partir da sua ordem. Não devemos de pensar na cultura excluindo a “invenção da cultura”, em que a invenção é cultura.

Wagner (2017) diz que a “invenção da cultura” contribui para desconstruir o conceito de cultura, segundo o qual “o homem natural”, que não acredita na antropologia, defende que a cultura tem a ver com algo útil, prático e objetivo. Ainda segundo o autor, esse “homem natural” também é moral: o homem é homem naturalmente, mas também culturalmente, e a cultura é um processo no tempo. Wagner (2017) também afirma que, para entendermos a origem do “homem”, precisamos olhar sua criatividade atual, e não só no decorrer dos anos. O argumento da inovação, apresentado por Wagner, é de que não existe mera reprodução e mudanças evolutivas dos padrões de criatividade, pois todo ato de significação, ainda que convencional, é inventivo.

Se a cultura fosse uma “coisa” absoluta, objetiva, “aprender” uma cultura se daria da mesma forma para todas as pessoas, tanto nativos como forasteiros, tanto adultos como crianças. Mas as pessoas têm todo tipo de predisposições e inclinações, e a noção de cultura como uma entidade objetiva, inflexível, só pode ser útil como uma espécie de “muleta” para auxiliar o antropólogo em sua invenção e entendimento.[...]Eis a mais simples, mais básica e mais importante das considerações a fazer: o antropólogo não pode simplesmente “aprender” uma nova cultura e situá-la ao lado daquela que ele já conhece; deve antes “assumi-la” de modo a experimentar uma transformação próprio universo [...] (Wagner, 2017, p.34).

A cultura vista aqui como invenção pode se dar de forma inconsciente, de modo que não precisamos abrir mão da nossa cultura para aprender uma nova, nem colocá-la, conforme disse Wagner, ao lado da nossa, comparando-as. É significativo estudar outras, tomando-as como experiências da nossa própria cultura.

A invenção, portanto, é cultura, e pode ser útil conceber todos os seres humanos, onde quer que estejam, como ‘pesquisadores de campo’ que controlam o choque cultural da experiência cotidiana mediante todo tipo de “regras”, “tradições” e fatos imaginados e construídos. (WAGNER, 2017, p. 68).

2.2 Identidade e Linguagem

Falar em indivíduo remete ao individual, à identidade, o que vem juntamente com a própria cultura, que é própria do sujeito, mas em construção com o outro. Isto fará com que ele se reconheça fazendo parte de um grupo, ou contexto social. A cultura e a identidade estão em constantes mudanças diárias, pois

A identificação é uma construção, um processo sempre inacabado – sempre “sendo feito”. Não é determinado no sentido de poder sempre ser “ganho” ou “perdido”, “sustentado” ou “abandonado”. A segunda compreensão consegue

apreender o verdadeiro caráter dos processos de identidade contemporâneos. (BAUMAN, 2012, p.41).

Também Hall (2006) diz que a identidade não é algo acabado, é uma “identificação”, vista como um processo em andamento. O sujeito tem a sua própria identidade, notório como o seu “eu real”, que é formado e modificado, constantemente, pelas diferentes culturas, pelo “exterior”, e pelas identidades presentes no mundo que nos rodeiam.

A identidade surge não tanto na plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiada da plenitude (HALL,2006 p. 39).

Dentro destes contextos, o indivíduo acaba modificando a sua própria identidade e cultura, de uma forma natural. “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.” (HALL,2006, p.13).

Wagner (2017) diz que a identidade cultural é influenciada pela mídia, ela apresenta variações na contemporaneidade. Entretanto, por interesses econômicos acaba ressaltando uma cultura ou não.

Além da cultura e da identidade, a linguagem, também, é inventada. A invenção ou inovação são palavras que remetem a coisas novas criadas por alguém, e que vêm da criatividade da cultura humana. Assim como a cultura e a identidade, a comunicação é algo gerado dentro de um contexto mediante associações. Como mencionado por Wagner:

A comunicação e a expressão significativa são mantidas por meio de elementos simbólicos – palavras, imagens, gestos – ou de sequências destes. Quando isolados e vistos como “coisas” em si mesmos, esses elementos aparentam ser meros ruídos, padrões de luz ou movimentos arbitrários (como ilustração, tente repetir uma palavra como “zepelim” ou “papoula” várias vezes, concentrando-se exclusivamente no som e veja como ela soará peculiar depois de certo tempo). Esses elementos só têm significado ou oposto uns aos outros em toda sorte de contextos. O significado, portanto, é uma função das maneiras pelas quais criamos e experienciamos contextos (base relacional para o uso dotado de sentido das palavras). (WAGNER, 2017, p. 70).

Dessa forma, o significado é o produto das relações, há palavras com vários significados e até metáforas. “Quando um símbolo é usado de modo não

convencional, como na formação de uma metáfora ou um tropo de alguma outra ordem, um novo referente é introduzido simultaneamente como a nova simbolização.” (WAGNER, 2017, p. 77).

Hall baseia-se nos estudos de Ferdinand Saussure para afirmar que nós não somos, em nenhum sentido, os “autores” das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua.

Nós podemos utilizar a linguagem para produzir significados apenas nos posicionando no interior das regras da língua e dos sistemas de significado de nossa cultura. A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. Não podemos, em qualquer sentido simples, ser seus autores. Falar uma língua não significa apenas expressar novos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais. (HALL, 2009, p.40).

Poderá haver lugares nos quais as pessoas queiram utilizar somente a sua língua materna ou local, buscando preservá-la culturalmente, desmentindo que o sujeito acredita que saber falar a língua inglesa é suficiente para comunicar-se em qualquer lugar, e também ele a mídia, que divulga o Inglês como uma língua universal.

Da mesma forma que a cultura e a identidade, a linguagem não é estática. Através da interação com o outro, podemos aprender palavras novas, um novo idioma, etc. Na realidade, o discurso é que é fundador da língua. “E se insistem em dizer que é através da língua que se dá o funcionamento do discurso, é necessário precisar que se trata da língua enquanto discurso, enquanto registro do discurso”. (Charadeau, 2009, s/p. online).

A língua é marca da identidade do sujeito, através da língua, há a presença da cultura. Porém, ao contrário da linguagem, Bauman (2012) diz que, ao analisarmos os subsistemas não linguísticos da cultura, temos de aplicar dois arcabouços analíticos de referência complementares, embora independentes. Nenhum modelo único e qualitativamente homogêneo pode explicar todos os fenômenos empíricos da cultura. Segundo Patrick Charadeau,

Evidentemente, existem diversas abordagens da questão identitária: sociológica, antropológica, psicológica, histórica etc. Cada uma delas merece uma investigação, mediante a construção de um objeto de estudo que lhe é próprio, isto é, em conformidade com seus pressupostos teóricos e sua metodologia. Nesse “concerto” das ciências humanas, as ciências da linguagem – e, mais particularmente, a análise do discurso – ocupam um lugar importante, pois a linguagem está no cerne da construção, tanto individual quanto coletiva, do sujeito, o que ocorre em três domínios de

atividade humana: • o domínio da socialização dos indivíduos, na medida em que é através da linguagem que se instaura a relação de si com o outro e que se cria o elo social; • o domínio do pensamento, na medida em que é pela/atraves da linguagem que conceituamos, isto é, que extraímos o mundo de sua realidade empírica para fazê-lo significar; • o domínio dos valores, na medida em que estes precisam ser ditos para existir; é dessa forma que os atos de linguagem que os veiculam dão sentido à nossa ação.(CHARADEAU, 2009, s/p).

De acordo com Charadeau, a atividade de linguagem constitui uma espécie de garantia de liberdade do indivíduo como possibilidade de interrogação e análise sobre o outro e sobre si mesmo, e como possibilidade de controle de nossos afetos. Então, utilizamos a linguagem em diferentes situações, como análise, pensando o que o outro está querendo dizer e o que podemos compreender através do diálogo em relação ao “eu”, que carrega uma marca própria da sua identidade, assim como o outro.

Na literatura, a linguagem se transforma em meio de reflexão e de construção literária. A cultura viaja em diferentes contextos históricos, sociais, locais, midiáticos etc.; e promove a reflexão do sujeito acerca de sua cultura e identidade.

3 LITERATURA DE VIAGEM

O segundo capítulo abarca o conceito de literatura de viagem e o papel do viajante. Este é visto diferentemente do turista, por proporcionar ao leitor reflexões pautadas nos choques culturais que as viagens proporcionam. As reflexões teóricas baseiam-se, sobretudo, nos estudos de Renato Modernell (2011) e Michel Onfray (2009).

3.1 O que é e como surgiu a Literatura de Viagem?

Desde a antiguidade, há relatos de viagens, de descobertas em novas terras. A literatura de viagem surgiu através de narrativas de viagens diferentes das de hoje, pois não seguia uma direção ou uma descrição de um diário de bordo, contendo informações de volta ao mundo em um ano, por exemplo, ou passando informações simples de um determinado país. Isso é o turista quem o faz. Em sua origem,

As viagens têm um valor arquetípico. Especialmente as mais ousadas, para lugares distantes, de caráter exploratório. São uma força que move homens e mulheres de todos os tempos e de todas as partes a saírem da zona de conforto para se arriscarem na experiência do diferente, do estranho, do novo. Viajantes desse quilate são movidos mais do que pela simples curiosidade. São impelidos por um movimento psíquico, profundo [...] Suas histórias são impulsionadas pelo motor interno da expansão da consciência, que alarga o alcance da noção de quem somos, de quem é o outro, do que é o mundo, do que compõe esse oceano de diversidades de múltiplos níveis e dimensões onde estamos inexoravelmente imersos, como partículas supostamente inteligentes do grande mistério da existência. Por isso as viagens ocupam um lugar tão privilegiado no imaginário de todos os povos. De todas as épocas. Por isso a origem e a força das narrativas de viagens. (MODERNELL, 2011, p.12).

A literatura de viagem, no geral, apresenta memórias de experiências vividas pelo viajante, suas experiências em um lugar diferente e desconhecido em relação ao qual mora. Conforme Renato Modernell (2011, p.100), “[...] como na maioria das narrativas de viagem, a organização dos capítulos, em ordem cronológica, acompanha o deslocamento do protagonista no ambiente”.

Há obras em que o viajante não é o protagonista principal da história, mas o seu interlocutor, podendo narrar de modo não linear. “Nesse caso, o movimento externo funciona como fio condutor do texto. Este nos parece ainda coeso pelo fato de o foco narrativo se apresentar como um elemento estável e reconhecível.”

(MODERNELL,2011, p.100).

O viajante se desloca por diferentes necessidades, já o turista, por lazer. O turista vai ao encontro do que foi pré-planejado, às vezes, tem até um guia, que direciona e limita seu trajeto. Ele também espera fotografar algo que viu na internet ou na agência de turismo sobre tal local. Em contraponto,

A viagem é a jornada. E a jornada é a do herói. Há intensidade dramática, provas e desafios no deslocamento do herói pelos seus mapas de aventura, o risco de aniquilamento pairando no ar como possibilidade remota ou probabilidade plausível. Cabe ao herói responder à demanda do seu Santo Graal particular no nível que lhe compete, sendo a jornada suprema a realização definitiva do seu *self*, talvez a reorganização da psique em torno do seu EU transcendente, o ego domesticado ao seu papel importante, mas secundário. Essa é a promessa camuflada, discretamente escondida nas dobras visíveis ou não das narrativas de viagens. O fascínio por elas começou por muito tempo [...] (MODERNELL, 2011, p. 12).

Podemos citar como registros significativos para a cultura ocidental e para a literatura de viagem: *A Odisseia*, de Homero; *Viagens de Marco Polo*; *A descoberta das Américas*; *As cartas de Pero Vaz de Caminha*; *Os Lusíadas*, de Luís de Camões; *Viagens de um naturalista ao redor do mundo*, de Charles Darwin, *As crônicas do Brasil*, de Rudyard Kipling; *Israel em Brasil*, de Érico Veríssimo, dentre outras.

Esse gênero literário narra experiências, descobertas e reflexões de um viajante. Os textos têm um caráter interdisciplinar, diluindo fronteiras entre a história, a antropologia, a ficção e temas que o autor acha válido mencionar. Alguns dos temas frequentes nessa literatura são: religião, costumes, fauna, flora, características da região e formas de organização do povo, com o qual o autor teve contato. Segundo Modernell (2011), a literatura de viagem teve seu apogeu nas décadas de 70 e 80, e desenvolveu-se através da antropologia apoiada na cartografia e por meio do espírito investigador dos autores.

Devemos levar em conta o tempo em que foi escrita a obra, pois a cultura, a paisagem, a forma que o povo se organizava, pode ser diferente do contexto contemporâneo.

Em numerosas culturas, a ideia de viagem traz embutida a premissa do amadurecimento psíquico [...]. Pode-se supor que em outras culturas, urbanas ou tribais, dos aborígenes australianos aos indígenas brasileiros, essas considerações de caráter filosófico ou instrutivo, que se valem de uma linguagem simbólica para expor o significado da viagem, tenham antecedido em larga margem os relatos de viajantes tal como os entendemos hoje no ocidente, e que derivam da tradição europeia. Neste último caso temos em vista aqueles textos que se preocupam mais com o que aconteceu durante a jornada. Narram fatos, apresentam personagens, descrevem cenários,

costumes e situações que podem ser épicas ou cotidianas. Porém, valem lembrar que, mesmo entre nós, ocidentais, a viagem nunca deixou de ser algo significativo. Nela, pode-se encontrar a vida ou a morte, mas em qualquer caso isso se dará longe de nossas raízes. Portanto, há algo perigoso. (MODERNELL, 2011, p. 24- 26).

O viajante contemporâneo precisa resistir à aculturação. Os avanços tecnológicos e multimídias reforçam a tendência de influenciar diferentes culturas a obter ou desenvolver certos modismos de outro povo, ou de concebê-lo como exótico.

Podemos então supor que, nessa passagem do “mundo comum” para o “mundo especial”, o senso crítico do protagonista se atenua ou se transforma. Ao mesmo tempo, seus sentidos se aguçam sob o influxo das coisas “exóticas”, se nos permitirmos usar um termo tão desgastado nas reportagens de turismo. Entretanto, o viajante parece tornar-se mais severo ao deparar com traços do “mundo comum” projetados no “mundo especial”. As lanchonetes *fast-food*, por exemplo, [...] citam-nas como símbolo da degradação ocidental a conspurcar a cultura asiática, mesmo sabendo que ali se comem bichos vivos [...] compreendi que o ocidente não tem fim, antes continua a deslocar-se conosco. (MODERNELL, 2011, p.116).

Há preservações histórias, seus monumentos, pontos turísticos, que o turista quer realmente ver ou visitar, isto é um recorte histórico daquela localidade, e não o todo. Já o viajante vê o todo, ele está em um local por alguma necessidade, que o faz analisar o meio no qual está sendo inserido.

Dentro da narrativa de viagem, o narrador mostra que o personagem principal da história apresenta um certo desequilíbrio, que o leva a transformações (individualização). Segundo Modernell (2011),

A obra retrata uma experiência vivida em profundidade (imersão), na qual o viajante se lança com sensação de queimar pontes, ou seja, encerrar uma fase de sua vida. O texto tem características de uma grande reportagem, descompromissada com uma geral forma de função informativa; tem elementos de romance de aventura; dá menos relevância aos fatos em si do que a seus efeitos sobre o observador; há uma prevalência da subjetividade; o autor propõe ao leitor uma nova maneira de digerir ou interpretar as coisas que lhe expõe; na sua jornada, o viajante tem como aliados a disponibilidade e o acaso, consegue detectar lampejos de eternidade naquilo que é transitório; ao descobrir novos cenários, o texto evoca o ponto de partida do protagonista, proporcionando-lhe um olhar retrospectivo e renovado sobre o “mundo comum”. (MODERNELL, 2011, p. 62).

Com esse gênero literário, o leitor poderá ter acesso a diversos assuntos, culturas e reflexões acerca de diversos lugares e temáticas. “O autor tem *insights* ao observar o ritmo em que as coisas acontecem em cada lugar ou situação, e na sua narrativa consegue transmitir ao leitor as diferentes dimensões do tempo (geográfico, social e individual)” (MODERNELL, 2011, p.63).

Sendo assim, a literatura de viagem possibilita ao leitor uma autorreflexão, dá condições através da subjetividade de proporcionar um olhar externo a ele, analisando as temáticas envolvidas na obra, sua possível relação para com elas, e a provável identificação com o protagonista da obra.

3.2 O que é o Viajante?

Partindo do “eu” é que tudo é construído, representado e reconstruído. Até na questão de deslocamento, ou seja, em uma viagem, o sujeito parte do que ele sabe em relação ao “diferente”. Assim como já diria Michel Onfray, “no centro da viagem não há outra referência senão o eu” (ONFRAY, 2009, p. 75). O pesquisador amplia essa perspectiva ao afirmar:

Nós mesmos, eis a grande questão da viagem. Nós mesmos e nada mais. Ou pouco mais. Certamente há muitos pretextos, ocasiões e justificativas, mas em realidade só pegamos a estrada movidos pelo desejo de partir em nossa própria busca com o propósito, muito hipotético, de nos reencontrarmos ou, quem sabe, de nos encontrarmos. A volta ao planeta nem sempre é suficiente para obter esse encontro. Tampouco uma existência, às vezes. Quantos desvios, e por quantos lugares, antes de nós sabermos em presença do que levanta um pouco o véu do ser! (ONFRAY, 2009, p.75).

Dentro da literatura de viagem, este indivíduo, o viajante, é o cerne de toda a história e para além dela, a qual proporciona ao leitor refletir e repensar a sua própria identidade. A viagem pode causar estranhamentos ao viajante, esses “estranhamentos” podem apresentar verdades impostas dentro de um universo social, em que o sujeito irá refletir a respeito das suas. “Toda viagem é iniciática – assim como uma iniciação não cessa de ser uma viagem. Antes, durante e depois se descobrem verdades essenciais que estrutura a identidade”. (ONFRAY,2009, p.76).

O viajante, dentro da literatura de viagem, não é aquele visto como um turista, que apenas se desloca para um lugar, por diversão, ou para passar umas férias em uma localidade específica, ou, também, fazer uma visita a alguém em um certo local. Onfray (2009) fala que o viajante é visto como a figura de um nômade, aquele que se desloca para um determinado local desprendido de pré-julgamentos culturais, sociais e históricos sobre ele. Além disso, não vai viajar tendo em mente o que acha, o que falaram e o que viu na mídia sobre um determinado local. “Viajar supõe menos o espírito missionário, nacionalista, eurocêntrico e estreito, do que a vontade etnológica, cosmopolita, descentrada e aberta. O turista compara, o viajante separa”. (ONFRAY,

2009, p. 58).

Segundo Renato Modernell,

“o viajante se diferencia do turista por sustentar um olhar despojado e inquisitivo sobre o que o cerca; convive de forma criativa com a insegurança e a surpresa; deixa-se levar pelo fluxo dos acontecimentos; e delicia-se com os pequenos flagrantos da vida” (MODERNELL, 2011, p. 62).

O viajante aproveita o seu tempo de forma reflexiva, ele procura entender a cultura do povo local, ele se desloca sozinho e busca seus objetivos por conta própria. Ao contrário, o turista, que viaja com guia turístico, cumpre roteiros pré-estabelecidos e fica preso a sua máquina fotográfica, registrando só o que lhe agrada e está estereotipado pela mídia como um ponto turístico que não poderia deixar de ser registrado.

Quando o viajante vai para um determinado lugar, despreendido de estereótipos, ele poderá ter grandes experiências e reflexões acerca do “eu, do “outro” e do “nós”.

A viagem supõe uma experimentação em nós que tem a ver com exercícios costumeiros entre os filósofos antigos: O que posso saber de mim? O que posso aprender e descobrir a meu respeito se mudo de lugares habituais e modifico minhas referências? O que resta da minha identidade quando são supridos vínculos sociais, comunitários, tribais, quando me vejo sozinho, ou quase, num ambiente hostil ou pelo menos inquietamente, perturbados, angustiante? O que subsiste do meu ser quando se subtraem as apêndices gregárias? O que será do núcleo duro da minha personalidade diante de um real sem rituais ou conjurações constituídas? A grande volta ao mundo permite nos reencontrarmos da maneira como a eternidade nos conserva. (ONFRAY, 2009,p.75)

Entretanto, quando o indivíduo, aquele visto como “turista”, vai para um determinado lugar, está carregado de preconceitos, imagens formadas mentalmente sobre um local, por meio de redes sociais, por exemplo. Segundo Onfray, “um dos riscos da viagem consiste em partir para verificar por si mesmo o quanto o país visitado corresponde a ideia que se faz dele [...]. Poderíamos chamar essa deplorável tendência de ver o real com o filtro da sua cultura a posição do missionário.” (ONFRAY, 2009, p.57).

Em contraponto, o sujeito “viajante” poderá usufruir da viagem em prol de sua autorreflexão como sujeito, inserido em diversas culturas, identidades, por meio de culinária típica e local, músicas, eventos, dentre outros.

A viagem, de fato, é uma ocasião para ampliar os cinco sentidos: sentir e ouvir mais vivamente, olhar e ver com mais intensidade, degustar e tocar com

mais atenção – o corpo abalado, tenso e disposto a novas experiências, registra mais dados que de costume. (ONFRAY, 2009, p.49).

O viajante viaja por razões de necessidades, sobrevivência, busca de um novo emprego ou um convite. Onfray (2009) diz que não fazemos escolhas de lugares prediletos, mas somos requisitados por eles.

É significativo se deslocar desatado de conceitos formados anteriormente à partida, propondo-se a ver, no momento da inserção no novo meio, como ele é e está se modificando. Sendo capaz de rever o seu “eu” e o “todo”, o viajante poderá repensar o seu lugar de origem, como ele o via, como é visto por “outros”, numa determinada localidade, e refletir o que fará com estas experiências vividas, aprendidas e construídas.

Viajar conduz inexoravelmente à subjetividade. Dividida, fragmentada, espalhada ou compacta, é sempre diante dela que nos convida a fazer o balanço de nosso trajeto socrático: O que aprendi de mim? O que posso saber com mais certeza do que antes da minha partida? (ONFRAY, 2009, p.81).

O viajar impulsiona a nossa empatia, nos conduz para uma imitação transformadora, a partir de que nossa própria personalidade acaba redimindo-se em relação aos elementos da realidade que está se deparando. Os viajantes saem da sua zona de conforto, adquirem experiências ao se depararem com o diferente, com o estranho e com o novo. Suas histórias impulsionam o leitor a expandir a consciência em relação ao eu, ao outro, ao mundo e às dimensões onde estão imersos.

Essa sensação posterior de estranhamento em relação ao texto, por parte do autor, é indício de que ele de fato viajou. Só que a intimidade com lugares e rotas percorridas já não pertence a ele, mas sim a leitores. Quando se cumpre esse ritual da transparência de polaridade, estamos diante de um texto que atinge o alvo. (MODERNELL, 2011, p.102).

Quando o indivíduo se coloca na viagem, em contato com o novo, com diferentes culturas, acaba influenciando na sua autodescoberta, na sua personalidade, ou na modificação do sujeito. Modernell (2011) diz que, aquele que viaja possui o eu movente, podendo modificar-se e desenvolver-se ao longo da travessia. O confronto com a alteridade pode alterar a concepção que se tem do mundo, de si e do outro. A viagem acaba trazendo ao viajante novas descobertas em relação ao que ele foi buscar em sua viagem. As descobertas narradas pelo viajante, dentro da narrativa de viagem, poderão contribuir para a aprendizagem do leitor que,

poderá se identificar com o personagem em questão.

Analisando a trajetória do viajante, poderemos elucidar quais são seus vínculos com o local, em quais meios transita, quais conhecimentos tinha sobre o local, que assuntos ele aborda no relato de viagem, que mudanças foram acarretadas pela ida e vinda (do local ao qual foi, e o seu local de origem, ou “morada”), e pensarmos como isso poderia ser abordado adiante, intertextualmente, ou, até em nossas vidas, como forma de reflexões. O gênero literário literatura de viagem possibilita ao leitor por meio da construção narrativa a sensação de ter frequentado um lugar, sem nunca ter estado lá.

4 VIAJANTE OU TURISTA: UMA ANÁLISE DE CRÔNICAS DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

O livro *Um Brasileiro em Berlim*, de João Ubaldo Ribeiro, reúne 16 crônicas, escritas predominantemente em primeira pessoa e que remetem ao período em que o autor brasileiro permaneceu na Alemanha. Há, nelas, experiências sobre língua, cultura e identidade, que envolvem o leitor por meio de uma linguagem acessível e pelo tom humorístico da obra. O processo narrativo provoca a empatia de quem lê em virtude do relato das experiências mal-sucedidas e de eventos em que o narrador consegue compreender o modo de vida de um país culturalmente tão diverso e inserir-se nele.

Esse capítulo analisa as seguintes crônicas da obra de João Ubaldo Ribeiro, com suas respectivas categorias: Linguagem e identidade nas crônicas “O Tartamudo do Kurfurstendamm” e “Vida Organizada”; Choques Culturais nas crônicas “Pequenos choques (Quatro anotações de um visitante distraído)” e “Storkwinkel 12, Rio” e Estereótipos nas crônicas “Os índios de Berlim” e “Procurando o Alemão”. E analisa a figura do viajante/turista presente nestas 6 crônicas.

As crônicas de João Ubaldo trazem questões culturais, sociais, de identidade, estereótipos, utopias, que possibilitam ao leitor desenvolver o senso crítico, a curiosidade e refletir sobre a sua própria cultura e identidade. Portanto, é significativo conhecer a literatura de viagem, ampliar pesquisas sobre ela e dar visibilidade a novos teóricos.

4.1 Metodologia

O presente trabalho é de natureza qualitativa e quantitativa. Segundo Maria Cecília de Souza Minayo (2001),

A diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região "visível, ecológica, morfológica e concreta", a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas. (MINAYO, 2001, p.22).

Há, assim, uma interação entre os dados quantitativos e qualitativos, e “não existe um ‘continuum’ entre ‘qualitativo-quantitativo’, em que o primeiro termo seria o

lugar da 'intuição', da 'exploração' e do 'subjetivismo'; e o segundo representaria o espaço do científico, porque traduzido 'objetivamente' e em 'dados matemáticos'". (MINAYO,2001, p.22). Consequentemente, a presente pesquisa qualitativa/quantitativa considerou, na primeira etapa, uma revisão bibliográfica/revisão teórica.

A análise apoia-se em pesquisa de cunho bibliográfico que, segundo Antonio Carlos Gil (2008), é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Ela foi realizada através de investigação a partir da literatura existente e de livros com assuntos relacionados com a pesquisa em questão, fichamento e referenciação.

Na segunda etapa, o *corpus* é submetido à análise de conteúdo, que, na visão de Laurence Bardin (2011),apresenta-se como um método de categorias que permite a classificação dos componentes do significado da mensagem como uma espécie de gaveta. Segundo Bardin (2011), uma análise de conteúdo não deixa de ser uma análise de significados, ao contrário, ocupa-se de uma descrição objetiva, sistemática, quantitativa do conteúdo extraído das comunicações e sua respectiva interpretação. Além disso, segundo Bardin (2011), o texto é um meio de expressão em que o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem.


As etapas da análise de conteúdo são uma interpretação por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados obtidos pela através da leitura. Estas etapas iniciaram na leitura global da obra "Um brasileiro em Berlim", de João Ubaldo Ribeiro. Por meio da leitura, foi realizado o resumo de cada crônica da obra e destacadas temáticas centrais com as suas respectivas palavras-chaves (ver APÊNDICE).

Com base nesta tabela, foram escolhidas para a análise 6 crônicas, por abordarem temáticas que podem ser debatidas e trabalhadas como recurso didático. Apresenta um enfoque literário sobre a literatura de viagem por meio da figura do viajante sobre a cultura, a linguagem e a identidade.

4.2 Leitura Global e análise quantitativa

O primeiro passo foi ler todas as crônicas e fazer a tabela resumo, que consta no apêndice do presente trabalho. Depois, utilizou-se do *software Iramuteq* para

Tabela 1: Dados quantitativos gerados pelo Software *Iramuteq*

formes	eff 
alemão	125
dizer	101
vez	75
saber	75
mesmo	74
coisa	70
alemanha	61
ver	61
brasileiro	60
querer	55
dia	55
dar	53
berlim	53
ficar	49
só	48
falar	48
ler	46
livro	45
achar	41
passar	37
brasil	35

Fonte: IRAMUTEQ, 2019.

Conforme os dados quantitativos gerados pelo *software Iramuteq*, a palavra ‘alemão’ aparece 125 repetidas na obra analisada; ‘Alemanha’, 61 vezes; a palavra ‘brasileiro’ aparece 60 vezes; e ‘Brasil’, 35 vezes, constituindo referências à nação. A palavra ‘dizer’, repetida 101 vezes, a palavra ‘falar’, 48 vezes e ‘ler’, 46 vezes, são referentes à linguagem. Segundo os dados quantitativos gerados pelo *software Iramuteq*, a palavra ‘saber’ aparece 75 vezes; ‘ver’, 61 vezes; ‘achar’, 61 vezes; remetendo a verbos de percepção e de conhecimento. Esses dados, comparados com os da tabela resumo, vêm ao encontro das crônicas: “O Tartamudo do Kurfurstendam” e “Vida Organizada”, que abordam questões de linguagem (comunicar-se em língua alemã) e identidade (alemã e brasileira). “Pequenos choques (Quatro anotações de um visitante distraído)” e “Storkwinkel 12, Rio” tratam sobre a temática dos choques culturais (Alemanha x Brasil, juntamente com o que sabemos sobre determinada cultura, ou, o que achamos sobre ela).

As palavras ‘Alemanha’, ‘Brasil’, ‘alemão’, ‘brasileiro’, ‘ver’, ‘achar’ e ‘falar’,

vistas anteriormente, também vêm ao encontro da categoria estereótipos presentes na crônicas: “Os índios de Berlim” e “Procurando o Alemão”.

Devido à limitação do trabalho, foi necessária a redução do *corpus*. Optou-se por analisar 6 crônicas mencionadas por serem representativas das categorias elencadas.

4.3 Análise qualitativa – categorias e a figura do viajante presente nas crônicas

4.3.1 Linguagem e identidade nas crônicas “O Tartamudo do Kurfurstendam” e “Vida Organizada”

Os Discursos e identidades aparecem juntos, pois, ao mesmo tempo em que interagimos no mundo através da linguagem, construímos o mundo, a nós mesmos e aos outros em um processo contínuo e diário. “Esse duplo deslocamento, descentração dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos, constitui uma crise de identidades para o indivíduo.” (HALL, 2011, p.9). Isso leva o sujeito a perceber-se fragmentado na mesma forma que percebeu seus referenciais sociais e culturais.

Na Crônica “O Tartamudo de Kurfurstendam”, o narrador se assume como tartamudo-gago, ou sem noção do que fala, perdido em uma terra estranha e convivendo com os outros com uma cultura diferente. Ele tem um dicionáriozinho de bolso, mas, em várias situações, não encontra a tradução de que necessita; tenta buscar coragem para se comunicar em língua alemã e se “virar” em espaços públicos frente à cultura, da qual ora se vê fazendo parte e ora não. O narrador diz que, em uma ocasião, se considerava berlinense, e em outra, é visto como um inimigo dessa cultura.

Esse conceito de identidade, construído a partir de outro sujeito e de outra cultura, coincide com a fala de Patrick Charadeau,

Vemos o paradoxo sobre o qual nossa identidade é construída: nós precisamos do outro, do outro em sua diferença, para tomarmos consciência de nossa existência, mas, ao mesmo tempo, desconfiamos dele, experimentamos a necessidade, seja de rejeitá-lo, seja de torná-lo semelhante a nós para eliminar essa diferença. Mas há o risco de, se tornarmos o outro semelhante a nós, simultaneamente perdemos a nossa consciência identitária, visto que ela só se concebe na diferenciação, e, se rejeitarmos o outro, não haverá mais ninguém sobre quem fundarmos nossa própria diferença. Disso decorre esse jogo sutil de regulação que se instaura

em todas as nossas sociedades (até as mais primitivas), variando entre aceitação e rejeição do outro, valorização e desvalorização do outro, reivindicação de nossa própria identidade em contraste com a identidade do outro. (CHARADEAU, 2005, s/p.)

Assim o indivíduo, em contato com outras identidades e culturas, poderá considerar-se pertencente à uma identidade totalmente diferente da sua “original”. Com isso, ele acaba construindo uma nova identidade.

Percebe-se, na crônica, que o narrador oscila o foco narrativo. Ora narra em primeira pessoa, como em: “Acredito já ser bem conhecido por estes arredores do Kurfurstendamm (aliás, Ku`damm, que é como nós berlinenses, tratamos da nosso avenida mais famoso), perto de onde eu moro”. (RIBEIRO, 2006, p.19). Ora o texto é narrado em terceira pessoa do singular, como no trecho a seguir: “O Tartamudo do Ku`damm desligou o telefone com um sorriso maquiavélico nos lábios. Ah, então era assim, não era? Muito bem, se o consideravam um inimigo, seria um inimigo”. (RIBEIRO, 2006, p. 23-24).

Dessa forma, o narrador presente na crônica, e também em toda a obra, é, segundo Stanzel (1981), autodiegético, pois ele relata suas próprias experiências como personagem principal da história, tanto em primeira quanto em terceira pessoa do singular, dando uma proximidade e um certo afastamento ao mesmo tempo. Além de protagonista da narração, ele é o detentor de uma voz observável ao nível do enunciado por meio de intrusões, ele relata suas experiências como personagem central da história. Isso acaba fazendo com que o leitor confunda a figura do autor com a do narrador autodiegético, por trazer a subjetividade e utilizar códigos temporais e de focalização em situações da narrativa. Stanzel (1981) diz que um narrador autodiegético tenderá a subordinar as questões enunciadas a uma questão central: a configuração (ideológica, ética, etc.) da entidade que protagoniza a dupla aventura de ser herói da história e responsável por sua narração.

Então, nas crônicas, percebe-se que o autor, por meio do narrador autodiegético, traz pontos de vista pelo narrador, em que o autor projeta sobre ele certas atitudes identitárias, sociais, culturais, etc., e as representa por meio da ironia e com perspectiva interna e externa sobre o que rodeia o universo do personagem principal, que, no caso, é o Tartamudo. Além de o narrador oscilar entre primeira pessoa, em que o narrador se vê pertencente à cultura e identidade alemã; e entre a terceira pessoa, em que o narrador não se vê pertencente à cultura e à identidade

daquele país, se vê com o olhar do estrangeiro e do turista.

O narrador da crônica também se auto intitula berlinense, porém é brasileiro e comenta com um amigo, que mora em Berlim, que acha que os alemães não gostam de receber estrangeiros. Seu amigo diz que é raiva de alemão do outro lado. Vendo que era assim, o narrador disse: “Ah,[...] muito bem, se o consideravam um inimigo, seria um inimigo.[...] Resolvi assumir. Amanhã mesmo, compro um Trabant e vou à luta”. (RIBEIRO, 2006, p.24).

Na crônica, o narrador diz que ele, o Tartamudo, depois de não conseguir se comunicar em língua alemã, não ousaria arriscar-se outra vez. Voltou para a casa e pegou um livrinho de alemão para estudar. Assim, aborda a questão da dificuldade com a língua em que o personagem está inserido. Conforme Hall (1992), somos confrontados por uma gama de diferentes identidades, que nos fazem apelos, dentre as quais parece provável fazer uma escolha, utilizando uma forma de comunicação, seguindo alguns hábitos e culturas a que o indivíduo se sente pertencente. Falando em comunicação, o narrador da crônica diz, em certos momentos, que não tem facilidade com o idioma local.

O autor utiliza da ironia para aproximar o leitor do narrador-personagem, no caso, o tartamudo. Por meio das palavras e da subjetividade, ele passa ao leitor a imagem de um personagem humilde, falho, que tenta, como o viajante, aprender a linguagem local na qual está inserido para se “camuflar” como parte daquele meio cultural e social: “[...] ao responder “já” a uma pergunta que não entende direito, ouviu presumíveis menções a sua parca inteligência, seguidas de risadinhas e risadonas dos outros clientes do estabelecimento” (RIBEIRO,2006, p. 21). Nesse momento, ele acaba satirizando a figura do viajante, apresentando-o como um indivíduo que tem dificuldades com a língua local, que quer se fazer e se sentir pertencente àquela cultura, mesmo estando sujeito a críticas, a deboches e à incomunicabilidade/incompreensão.

Assim, o viajante procura entender a cultura local, sozinho, por meio da língua, que ele está aprendendo, ao contrário do turista, que poderia acreditar que o conhecimento da língua inglesa já seria suficiente para viajar a qualquer lugar. Ainda, dessa forma, o turista viaja a passeio, e o presente viajante viajou a convite da “DAAD” (Entidade alemã que convida artistas para passar temporadas em Berlim).

Na crônica “Vida Organizada”, o narrador recebeu outro convite, que seria para dar uma palestra: “O telefone tocou, atendi, falou um alemão simpático e cerimonioso

do outro lado, querendo saber se eu estaria livre para uma palestra no dia 16 de Novembro, quarta-feira, às 20h30” (RIBEIRO, 2006, p.56).

Esse convite veio permeado por questões identitárias e linguísticas. O narrador comenta que os alemães são muito organizados em questões de horários, ao contrário dos brasileiros:

Se o Brasil tivesse fronteiras com a Alemanha, não digo uma Guerra, mas algumas escaramuças já teriam eclodido, com toda a certeza – e a Alemanha perderia, notadamente porque o Brasil não compareceria às batalhas nos horários previstos, confundiria terça-feira com sexta-feira, deixaria tudo para amanhã [...] (RIBEIRO, 2006, p.55).

A linguagem e os significados das palavras registram formas de pensamentos e práticas culturais, que podem variar em diferentes contextos:

“Amanhã” significa, entre outras coisas, “nunca”, “talvez”, “vou pensar”, “vou desaparecer”, “procure outro”, “não quero”, “no próximo ano”, “assim que eu precisar”, “um dia destes”, “vamos mudar de assunto” etc. e, em casos excepcionalíssimos, “amanhã” mesmo. Qualquer estrangeiro que tenha vivido no Brasil sabe que são necessários vários anos de treinamento para distinguir qual o sentido pretendido pelo interlocutor brasileiro, quando ele responde, [...], que fará tal ou qual coisa amanhã. O caso dos alemães é, seguramente, o mais grave. Não disponho de estatísticas confiáveis, mas tenho certeza de que nove em dez alemães procuram ajuda médica no Brasil o fazem por causa de “amanhãs” causais que os levam, no mínimo, a um colapso nervoso, para grande espanto de seus amigos brasileiros- esses alemães são uns loucos, é o que qualquer um dirá. (RIBEIRO, 2006, p. 54).

As traduções não são simples, como visto com a palavra “amanhã”, que pode apresentar uma gama de significações dentro de um determinado local. Assim, o narrador da crônica buscou compreender as equivalências entre as palavras, ao contrário do turista, que poderia estar acompanhado de um guia, que faria a função de intérprete ou tentaria se comunicar através da Língua Inglesa. As experiências desmentem o mito da língua inglesa ser universal. Dessa maneira, o viajante conhece mais sobre a identidade e cultura local do que o turista, que está passeando e consumindo artefatos divulgados pela mídia.

4.3.2 *Choques Culturais nas crônicas “Pequenos choques (Quatro anotações de um visitante distraído)” e “Storkwinkel 12, Rio”*

A crônica “Pequenos choques (Quatro anotações de um visitante distraído)” apresenta mais os seguintes choques culturais: o nudismo na Alemanha; a bandeja

para colocar o dinheiro; a educação no trânsito e a falta de olhar.

O primeiro “choque” fala a respeito das garçonetes que serviam comidas e bebidas seminuas, e das mulheres, na praça do bairro do Halensee, que tomavam sol nuas. Segundo o narrador, era tão natural e ninguém olhava. O narrador e sua família, como brasileiros, não retornariam mais àqueles lugares, conforme o excerto abaixo:

Fomos ao Halensee outra vez, ver alemães nus. Os brasileiros não acreditam em nudez sem malícia e esse espetáculo para nós é espantoso. Por que ninguém olha para ninguém? [...] Dou uma mirada final naquela pequena multidão pelada e decido que não venho mais ao Halensee em dia de sol, perdi o interesse desse assunto perturbador. Quando voltar ao Rio, vou imediatamente à praia. (RIBEIRO, 2006, p. 111-113).

No primeiro “choque”, há a análise que o viajante aplica ao meio em que está inserido procurando entender a cultura alemã em relação ao nudismo. Porém, há também a presença do turista, que está preso aos seus pré-julgamentos frente à cultura alemã, comparando-a com a cultura brasileira, e não compreendendo como os alemães tratam o nudismo de forma tão indiferente aos brasileiros.

O segundo “choque” foi a bandeja deixada próximo aos caixas eletrônicos para colocar o dinheiro. Conforme o narrador,

A bandejinha me pegou logo nos primeiros dias de minha vida em Berlim, na tabacaria aqui da esquina. Pedi um maço de cigarros, fui imediatamente informado do preço, estendi o dinheiro para a senhora do balcão e ela não o tomou da minha mão, mas apenas me encarou em silêncio, com um ar severo e talvez um pouco impaciente. Não entendi, me atrapalhei, conferi o dinheiro – qual era o problema? Só então observei o olhar dela ia de meu rosto para a bandejinha ao lado da registradora. Já conhecia a bandejinha de breves estadas na Alemanha, mas havia esquecido dela. Claro, a bandejinha! Depositei o dinheiro na bandejinha, ela fez a cara satisfeita de quem havia acabado de dar uma lição, agradeceu e pôs o troco na bandeja. (RIBEIRO, 2006, p. 116).

Nesse “choque”, há a presença do desequilíbrio do personagem principal, o que condiz com a literatura de viagem. Ele esquece e relembra da representação da “bandejinha” na cultura alemã em alguns momentos da narrativa.

O próximo “choque” trata da questão do tráfego, na Alemanha, os motoristas são educados, mas os ciclistas não. Segundo o narrador, uma das atrações turísticas de Berlim, para os brasileiros, é assistir às pessoas esperando, disciplinadamente, para atravessarem a rua, assim que o sinal abra. Ele fala que é muito fácil ser atropelado em Berlim pelos ciclistas, ele foi atropelado umas oito vezes. No caso dos ciclistas, há uma pista para eles circularem, porém, os pedestres também passam por

lá, como ao descer do ônibus; e os ciclistas andam em altas velocidades, ocasionando alguns acidentes, conforme o narrador:

[...]foi quando, por distração, parei em alguma pista de bicicleta. Ou mesmo quando paro involuntariamente, como em certos pontos onde a porta do ônibus dá exatamente em cima delas. Tem-se que ter agilidade para descer e pular imediatamente para um local seguro, porque alguma patrulha de ciclistas deve estar sempre postos nesses lugares, já que uma demora de mais de dois segundos me rende uma guidãozada nas costelas, seguida de comentários desairosos a respeito de minha capacidade mental. Acho que nunca mais na vida vou poder encarar uma bicicleta sem estremecer, mas há sempre um aspecto positivo. Neste caso, pelo menos a ciência fez algum progresso, pois creio que sou o primeiro caso documentado de uma doença que pode vir a tornar-se epidêmica e para qual sugiro o nome de *Bicyclophobia berlinensis*. Ainda não se conhece a cura, mas andar em ruas arborizadas ajuda a minimizar os sintomas. E a prevenir atropelamentos, é claro. (RIBEIRO, 2006, p.122).

Nas palavras do narrador, nota-se que ele satiriza essa questão do tráfego, fazendo comparações sintomáticas, turísticas e de organização do povo no trânsito. Ele fica surpreso com a diferença que há entre o trânsito do Brasil e o da Alemanha, e mescla a figura do turista com a do viajante. De outra forma, menciona que umas das atrações turísticas para os brasileiros seria eles assistirem às pessoas esperando o sinal para atravessarem a rua. Por outro lado, há a presença do viajante, que, dentro de sua literatura de viagem, acaba falando da organização de um povo, enfocando o trânsito em Berlim.

O último “choque” apresenta a questão da ausência do olhar na Alemanha, que faz com que o narrador sinta falta de sua casa.

Só sinto falta de olhares. Lembro dos pelados do Halensee. Lá, como neste ônibus, ninguém olha para ninguém, dá para o sujeito sentir-se invisível. [...] No Brasil, muitas vezes me queixo de que as pessoas falam alto demais, se olham demais, pegam, esfregam, abraçam e beijam demais. Já aqui, sinto uma espécie de privação sensorial. Penso em Montaigne, que, se não me engano, escreveu que o casamento é como uma gaiola: o passarinho que está dentro quer sair, o que está fora quer entrar. Acho que isso pode estender-se a tudo na vida, porque hoje, particularmente, eu gostaria de ter voltado para a casa com a sensação de que alguém na rua me viu, e fiquei com saudades da casa. (RIBEIRO, 2006, p. 123-124).

Na fala do narrador, assim como dentro da narrativa de viagem, há um certo desequilíbrio, que engendra transformações (individualização). O personagem adquire novas experiências ao se deparar com o novo, o que possibilita uma autorreflexão a respeito do sujeito, que se remete à imagem de sua casa, de seu país de origem, ao qual atribuiu um sentimento de saudades. Esse viajante mescla-se,

novamente, à figura do turista ao fazer comparações entre a Alemanha e o Brasil, pois o turista compara e o viajante diferencia, saindo e desprendendo-se de sua zona de conforto.

Na crônica “Storkwinkel 12, Rio”, o narrador traz as memórias da Alemanha ao voltar para o Brasil, além de querer manter alguns costumes:

Voltamos altamente berlinenses. Meu filho querendo um corte de cabelo punk, minha filha mais nova falando português com sotaque alemão (até hoje não pronuncia bem os ditongos anasalados portugueses) e minha mulher e eu usando um dialeto doméstico ininteligível tanto para brasileiros quanto para alemães, a mesma coisa que ocorre com o dialeto em Berlim. (RIBEIRO, 2006, p.137).

Além disso, há a questão do dinheiro e do tráfego, que geraram algumas readaptações. Em geral, elas não se revelaram muito difíceis. O mais complicado foi quando o narrador e sua família retornaram ao Brasil e as notas haviam sido trocadas pelo “cruzeiro real”. Eles sentiram saudades dos “marcos”, ao terem que trocar o “dinheiro alemão” pelo “dinheiro brasileiro”.

Na verdade, ser uma pessoa viajada tem suas vantagens sociais. Outro dia, depois que os motoristas, aqui numa avenida do Rio, se comportaram como pilotos de Fórmula Um na largada e uma senhora reclamou, pude retrucar, com um ar superior: “Isto não é nada. A senhora devia ver os ciclistas de Berlim.” (RIBEIRO, 2006, p. 138-140).

Novamente, há comparações que o narrador realiza entre a cultura alemã e brasileira, nos remetendo à figura do turista, mas a imagem do viajante se sobressai. Por meio das comparações ele realiza as readaptações, há momento que ele se vê como alemão e outros como brasileiro, podendo proporcionar momentos de reflexões ao viajante acerca de sua própria identidade. A aprendizagem é constatada no excerto:

Eu estava em Berlim e isso certamente me mudaria para sempre. Muito tarde, brasileiro aos cinquenta anos, para tomar intimidades excessivas com Berlim. Bastava, como basta, que eu no fundo a entenda e ela no fundo me aceite. [...] Fico aqui pensando se valeu a pena essa temporada em Berlim. Claro que valeu, aprendemos, crescemos. Hoje, não posso ler nada sobre a Alemanha como os olhos de antes, tenho uma nova compreensão, que nenhum livro pode me dar, somente a vivência. [...] Há novos muros em Berlim, novas cortinas de ferro, novas barreiras, ódios velhos renovados. Os famintos e perseguidos batem às portas dos prósperos[...] O diferente é visto com desconfiança ou desprezo[...] A diversidade é a glória do homem, mas a rejeitamos pelo desejo de uma uniformidade castradora e falsamente segura. Foram quinze meses em Berlim. Storkwinkel 12, Halensee, pertinho da Rathenauplatz. Foi muito bom: temeremos menos, compreenderemos mais e, se Deus for servido, amaremos mais. (RIBEIRO, 2006, p. 141- 143).

O narrador fala que a sua estada em Berlim o mudara para sempre, diferente da figura do turista, que não vivencia o mundo ao seu redor, ele está condicionado a ele. Já o viajante volta trazendo suas vivências e reflexões acerca da viagem. Por isso, o narrador disse que, quando ouvir falar ou ler algo sobre a Alemanha, será com um olhar diferente, contrastando com o olhar do turista que está recebendo informações midiáticas a respeito de um lugar, que tem como objetivo um viés comercial, com o intuito de adquirir “objetos culturais” publicados nesse universo midiático. E falando desse universo midiático, o viajante traz a questão do “diferente” visto em outros lugares, como menosprezado, e da importância de compreendermos mais os outros.

4.3.3 Estereótipos nas crônicas: “Os índios de Berlim” e “Procurando o Alemão”

A crônica “Os índios de Berlim” fala sobre os estereótipos do Brasil: os índios, a figura da Amazônia e a prática do canibalismo. O narrador comenta que só voltará à Alemanha depois de frequentar algum curso sobre a Amazônia:

Para uma coisa eu aprendi, nesta temporada berlinense: só apareço outra vez na Alemanha depois de frequentar um curso sobre a Amazônia e ler pelo menos uma bibliografia básica sobre os índios brasileiros. As coisas aqui podem ficar difíceis para brasileiros como eu, que não entendem nada de Amazônia e de índios. Ao serem informados dessa minha ignorância, alguns alemães ficam tão indignados que desistem imediatamente de conversas comigo. [...] Imagine que ele nasceu e se criou no Brasil e não chegou a ver a Amazônia! A destruição já se estendeu a tal ponto que não deu para ele ver mais nada! [...] Em leitura, em palestras e ocasiões semelhantes, a situação piora, porque a pressão é coletiva. Acabo de falar, levanta-se um senhor com ar de reprovação e me diz: - Eu li aqui num jornal que o senhor disse que nunca tinha visto um índio. Isto é verdade? Zum-zum-zum na plateia. [...] – Claro que não- respondi jovialmente. - Isso é mentira de jornal, jornal mente muito. (RIBEIRO, 2006, p.95-96).

Na fala do narrador, há, primeiramente, a figura do viajante, que disse que realmente não conhecia a Amazônia. Os alemães ficam inconformados com sua sinceridade de viajante, que vai ao encontro de um povo livre de pré-julgamentos e estereótipos, tanto quanto à cultura com a qual ele está mantendo contato no momento quanto à sua. Porém, como está presente na narrativa, há um objeto da mídia, o jornal, que lança uma notícia falando o que seria realmente a verdade deste personagem, que não conhecia a Amazônia, criando indignação em quem leu a

notícia, pois, geralmente, a mídia lança estereótipos (aquilo que o outro quer ouvir ou ver). Esse jornal estava quebrando estereótipos e falando algo verdadeiro sobre o narrador.

Com tantas perguntas e manifestações de indignação dos alemães frente ao brasileiro que não conhecia a Amazônia e nem os índios, o viajante acaba assumindo a postura de um turista, e passa a se portar como tal. Ele diz que o jornal mente muito, que conhece os índios e que havia estado na Amazônia. Assim, os alemães lançam outras perguntas:

– E quanto ao canibalismo? – Está praticamente em desuso, apesar de alguns ecológicos que protestam contra a repressão branca a esse milenar costume índio[...] Ontem mesmo minha mulher atendeu o telefone, falou um pouco e pediu à pessoa do outro lado que esperasse um pouco. – É um alemão muito simpático – disse ela, que está produzindo uma peça de rádio sobre a Amazônia e precisa de vozes de crianças amazonenses. Aí ele soube que nós temos dois filhos pequenos e quer saber se eles podem fazer essas vozes na peça. Explico a ele que nossos meninos não são da Amazônia, nem nunca estiveram lá? – Não– disse eu. – Pergunte quanto ele paga. E diga que, se precisar de alguém para o papel do cacique, eu faço. (RIBEIRO, 2006, p.98-99).

Como o narrador está cercado pelo universo midiático e estereotipado daqueles berlinenses acerca da cultura brasileira, ele obriga-se, naquele momento, a assumir a figura do turista e a falar o que o outro quer ouvir naquele momento, senão seria vaiado e desprezado pelos alemães.

Na crônica “Procurando o Alemão”, o narrador conversa com o amigo, Dieter, o qual ele pensava ser alemão. Ouviu, então, de seu amigo que Berlim não era a verdadeira Alemanha, pois tem gente do mundo todo lá.

– Então você acha que uma cidade como esta, com gente de todo mundo, onde a maior dificuldade é achar um restaurante que não seja italiano, iugoslavo, chinês ou grego – tudo menos alemão [...], onde você pode passar a vida toda sem falar uma palavra em alemão. [...] – Pois, está muito enganado, enganadíssimo. Berlim não é a Alemanha. A Alemanha é a minha terra, onde você nunca esteve. – É, talvez você tenha razão. Afinal, você é alemão e deve saber o que está dizendo. – Eu não sou alemão. [...] Minha terra é alemã, mas eu não me sinto alemão. Não me identifico com o espírito alemão. Acho os alemães um povo sombrio, sem graça, fechado...Não, eu não sou alemão, me identifico muito mais com povos como o seu, gente alegre, relaxada, risonha, comunicativa...Não, eu não sou alemão. [...] – Minha língua não é o alemão. Eu falo alemão, mas, na verdade, minha língua-mãe é o dialeto lá de minha terra, que parece com o alemão, mas não é. Mesmo depois de anos morando aqui, eu me sinto mais à vontade falando meu dialeto, é muito mais espontâneo. E, lá em casa se eu não falar a língua de nossa terra, minha avó não entende nada. (RIBEIRO, 2006, p.104-105).

O amigo do narrador, o Dieter, não se considera alemão. O viajante tenta

entender a identidade de seu amigo, que lhe causa um “choque cultural”. Este estranhamento está atrelado à figura do turista que viaja até um local querendo ver o que acredita estar lá, ou seja, que concebe que quem nasceu na Alemanha é alemão, de fato. Entretanto, por Berlim ser um local onde há várias culturas e povos presentes, seu amigo vê mais um motivo para não se considerar alemão e nem Berlim representar somente a Alemanha, mas outras culturas presentes. Inconformado, o narrador quer encontrar um alemão de verdade e viaja para Munique:

Escolhemos Munique para começar e estávamos todos muito contentes com a perspectiva de finalmente vermos alguns alemães, quando Dieter apareceu para uma visita e nos explicou desdenhosamente que em Munique não encontraríamos alemães, mas bávaros, uma coisa é a Alemanha, outra é a Baviera, não existem coisas mais diferentes neste mundo. Um tantinho desapontados, fomos do mesmo jeito, gostamos muito, mas voltamos com a sensação chata de que não tínhamos visto nada na Alemanha, não é fácil ver a Alemanha. Não sei bem ainda o que vou fazer para evitar a vergonha que vou passar no Brasil, ao regressar da Alemanha tendo que confessar não haver conhecido a Alemanha. Uma coisa, no entanto, é certa: vou reclamar do DAAD por falsas promessas e deixar bem claro que, da próxima vez, ou eles me trazem para a Alemanha ou não tem conversa. (RIBEIRO, 2006, p.107).

O viajante traz, de forma satírica, a figura do turista que não se conforma em não ver a Alemanha tal como ele imaginava ou havia ouvido alguém falar sobre ela. Ele acaba viajando para Munique e, quando retorna a Berlim, chateado, por não ter encontrado nenhum alemão e não ter visto a Alemanha como ele imaginava, cogita reclamar para a DAAD e pedir para “trazerem ele para a Alemanha” da próxima vez. Assim, há a figura do turista que não se conforma com o que a Alemanha é de fato, e que contraria a figura que a mídia passa sobre ela. Há também a figura do viajante, que busca refletir e entender a identidade de seu amigo e a cultura alemã e o que seria a Alemanha, aquele momento, e, especificamente, Berlim, rodeada de várias pessoas com vastas culturas, identidades e idiomas que fazem parte dessa “nova Berlim”.

A coexistência das figuras do viajante/turista nas crônicas nos remete à reflexão acerca da imagem que a mídia e os estereótipos solidificados com o tempo apresentam sobre uma determinada cultura e sociedade na contemporaneidade, e que fazem com que o viajante, em determinadas ocasiões, assume o papel de turista para não criar atritos onde está inserido em um determinado momento. Isto é significativo para o leitor desenvolver o senso crítico sobre a figura do viajante/turista, repensando mensagens que o universo midiático e consumista pretende passar. A

subjetividade a que a viagem nos conduz e convida a fazer o balanço de nosso trajeto socrático, analisando essa categoria tão difusa quanto essencial que é o “EU”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tratou sobre a representação do viajante em crônicas da obra *Um brasileiro em Berlim*, de João Ubaldo Ribeiro, que versa sobre as vivências do narrador em Berlim. Além disso, discutiu aspectos da cultura e da identidade no mundo contemporâneo; caracterizou a figura do viajante e a da Literatura de Viagem. Por fim, analisou as características do viajante e como ele foi representado na obra de João Ubaldo Ribeiro.

Devido ao curto espaço de tempo, foram analisadas seis crônicas, que abordam temáticas que podem ser debatidas e trabalhadas como recurso didático. A opção pela obra deve-se ao fato de que, além de ser um livro divertido e com uma linguagem fácil, a obra traz a figura do viajante, que apresenta um enfoque literário sobre a literatura de viagem. Nela, o leitor poderá prender-se com a viagem por meio da figura do viajante sobre a cultura, a linguagem e a identidade.

Durante a análise das seis crônicas, foi visto que não está presente apenas a figura do viajante, deque trata a literatura de viagem, mas também a figura do turista, aquele que se desloca para algum lugar por razões próprias e não por convite ou necessidades diversas, como o caso da sobrevivência ou imigração. Há momentos em que a mídia e os estereótipos apresentados sobre uma determinada cultura e sociedade estão tão presentes na contemporaneidade que fazem com que o viajante assuma o papel de turista para não criar atritos onde está inserido naquele momento.

Contudo, prevalece, nas crônicas, a figura do viajante, que é o cerne de toda a história e para além. Por meio da narrativa, ela possibilita ao leitor reflexões pautadas na identidade inacabada, que é própria do sujeito em relação ao outro; na linguagem, já que a comunicação é gerada dentro de um contexto mediante associações; e nos choques culturais que as viagens proporcionam.

O viajante sustenta um olhar despojado e inquisitivo sobre o que o cerca; deixa-se levar pelo fluxo de acontecimentos e convive de forma criativa com a insegurança e com a surpresa. Ele constrói aprendizagens e tem uma visão global sobre o local em que está inserido.

A oscilação entre a figura do viajante e do turista proporciona ao leitor repensar as verdades que nos são apresentadas pela mídia, além de construir uma visão crítica e reflexiva como a do viajante, buscando entender o outro como um todo, frente a questões culturais, sociais, de linguagem e de identidades. Além de entender o porquê

de essas questões serem como são consegue motivar o respeito mútuo nas práticas sociais.

O leitor pode ser considerado também um viajante, que adquire informações por meio da leitura e da narrativa. É significativo que o leitor consiga, através da leitura, separar a figura do viajante e a do turista, para que essas informações confrontem as estereotipadas pela mídia.

Em trabalhos futuros, pretende mostrar continuidade às análises das crônicas, pois como consta no anexo do presente trabalho “Categorias geradas pelo *software Iramute*”, diversos temas, que podem ser explorados e trabalhados em diversos meios acadêmicos, como mobilizar o fazer docente através da utilização das crônicas como recurso didático; a autorreflexão do leitor frente às temáticas expostas na obra como um todo; os discursos de linguagem que estão presentes na fala da figura do viajante/turista; um possível diálogo entre a obra analisada e uma atual que apresente as temáticas nela contida.

O presente trabalho contribuiu para a minha formação refletindo sobre o processo de aprendizagem, tomando como ponto de partida a leitura, dando ênfase à análise da figura do viajante, juntamente com as respectivas categorias. Possibilitou o desenvolvimento das capacidades de buscar, selecionar, pensar e escrever frente à pesquisa realizada e a conhecer a teoria sobre cultura, identidade, linguagem e a literatura de viagem. O resultado conduz à reflexão de que a aprendizagem implica em estar atento às novas demandas contemporâneas, pois o texto possibilita mais que informação, ele proporciona ao leitor a autorreflexão.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional**. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>>. Acesso em: 2 maio 2019.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Réflexion sur l'identité culturelle. Un préalable nécessaire à l'enseignement d'une langue**. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Reflexions-sur-l-identite,119.html>>. Acesso em: 2 maio 2019.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MODERNELL, Renato. **Em trânsito: um ensaio sobre narrativas de viagem**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzi, 2011.
- ONFRAY, Michel. **Teoria da Viagem – poética da geografia**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- RIBEIRO, João Ubaldo. **Um brasileiro em Berlim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- STANZEL, Franz K. **A Theory of Narrative**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2017.

APÊNDICE-Tabela resumo das crônicas presentes na obra analisada

Título	Conteúdos Comentados	Palavras-chave
Chegada	Na primeira crônica, o narrador diz como é viajar do RJ até Berlim, na classe econômica, como se estivesse num vagão de “búfalos”. A filha dele pergunta se a Alemanha é maior que o Brasil (Alemanha é menor em extensão, mas maior em inventos no mundo). Há contratempos da viagem e devaneios do narrador presentes na crônica.	Identidade alemã e brasileira; Língua/conhecimento; Choque cultural.
O Tartamudo do Kurfurstendamm	O narrador se autointitula ser berlinense e ora se ele diz que é Tartamudo – gago ou sem noção do que fala, perdido em uma terra estranha e convivendo com os outros com uma cultura diferente.	Língua/dificuldades; Choque cultural; Identidade alemã e brasileira.
Sexy Brasil, Sexy Berlin	O narrador começa dizendo como ele bem sabe como a imagem do Brasil é vista em outros países, com alguns estereótipos. Quando diz que é ao contrário, muitos o olham como um “impostor”. A crônica aborda estereótipos associados ao brasileiro como um povo sexualmente libertino e o contrapõe a sisudez, também, estereotipada do alemão, lembrando que na Alemanha a nudez pública é tratada com mais	Identidade e cultura – alemã e brasileira; Estereótipo da língua.

	naturalidade do que em terra “tupiniquins”.	
A Velha cidade Guerreira	<p>O narrador “filosofa” sobre Berlim, e a História do muro, da separação do leste e do oeste, onde as pessoas do leste se sentem invadidas e não visitadas.</p> <p>Ele fica se perguntando se somos herdeiros de alguma coisa, ou eternos construtores do que a memória finge preservar, mas a refaz, conforme suas variadas conveniências, a cada instante em que vivemos? Também o porquê de tanto sofrimento, mortes, angústias e tortura por trás da História.</p> <p>Fala do contraste entre o passado e o presente na velha cidade guerreira (Berlim), que diz não ter medo dos alemães, como todos dizem ter, inclusive alemães.</p> <p>O narrador tenta não relembrar o que os alemães não querem ouvir: peripécias de Hitler.</p>	Contraste cultural; Estereótipos da Alemanha.
Educação financeira	O narrador relata a mudança do dinheiro nos últimos 50 anos. Ele começa a falar que por ter profissão na área das Letras, não costuma ser competente em matéria de dinheiro. E que no Brasil não há dinheiro, só papéis coloridos e moedas talvez feitas de	Contraste cultural.

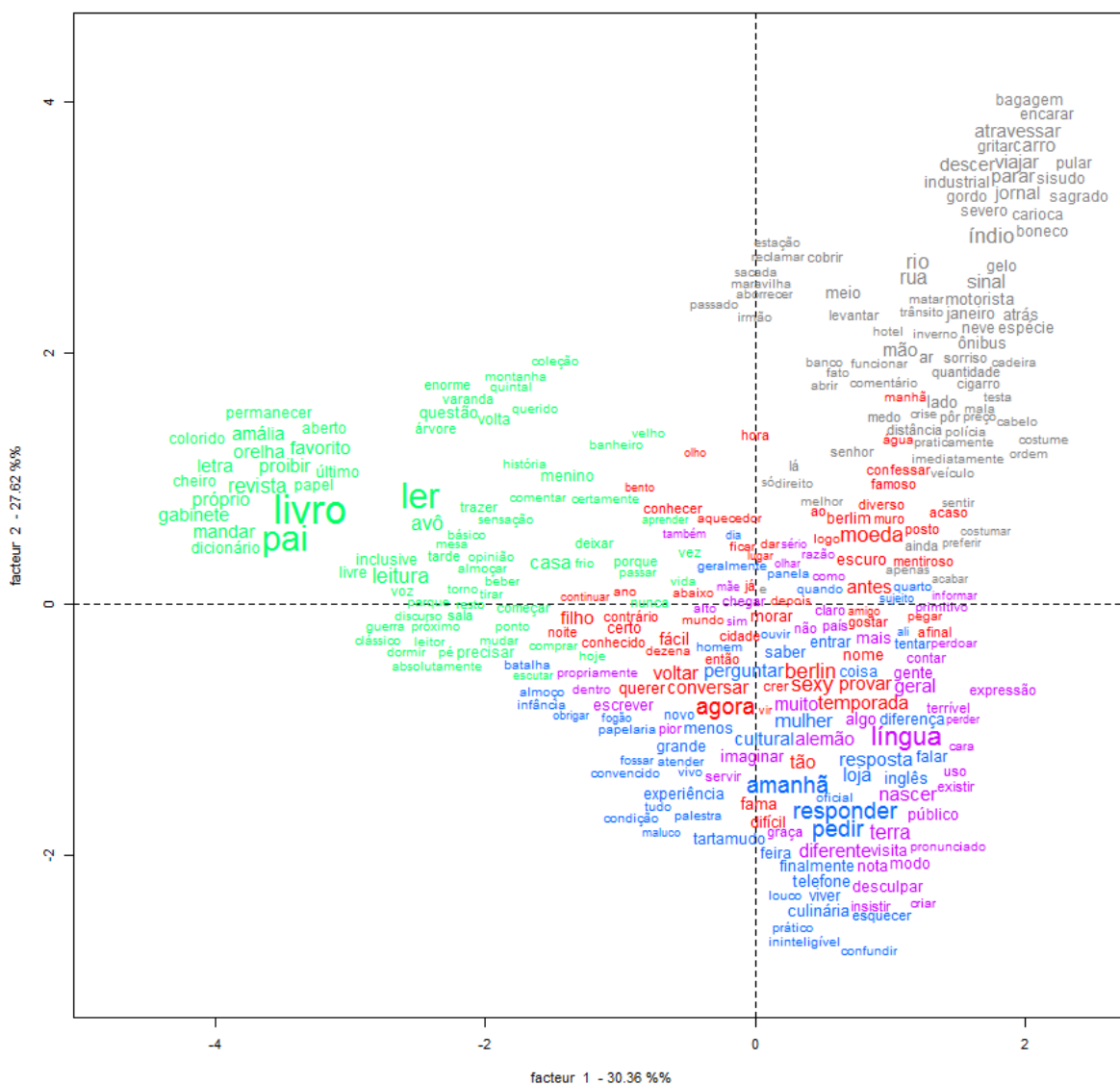
	restos de panela. Ele nasceu quando o mil-réis foi substituído pelo cruzeiro, fala que depois surgiu o cruzeiro novo, cruzado, cruzado novo e, no momento presente, em que havia voltado ao Brasil, voltaram a usar o cruzeiro.	
Vida organizada	O narrador fica impressionado com a organização dos alemães em relação à organização e planejamento de horários. Ele cita exemplos de palavras que não significam a mesma coisa nos dois países: a palavra 'amanhã' para os brasileiros pode significar muitas coisas e para os alemães é 'amanhã' mesmo.	Língua; Cultura brasileira e alemã; Identidade do brasileiro e do alemão.
O crime do Storkwinkel	O narrador diz que todo brasileiro tem medo de polícia e que ele conseguiu se comunicar em inglês com os policiais. Ele soube que o crime era o mistério da churrasqueira desaparecida do sótão. E a visita inesperada era conseguir a chave do quarto que fica abaixo do teto. O narrador nem sabia de tal chave.	Cultura brasileira e alemã; Língua.
Problemas do intercâmbio cultural	O narrador fala das diferenças que se acentuam, o hábito da leitura é um deles. Ele imagina uma história com uma mulher coordenadora de livros e autógrafos, e tem dificuldade de contratar uma babá,	Cultura alemã e brasileira; Estereótipos – Alemanha e alemães.

	que ganha mais que os profissionais da cultura, o que faz com que o autor pense em deixar da literatura para se dedicar à culinária.	
Batalhas culturais	O narrador fala das dificuldades em ser um embaixador cultural e ocupa-se mais com sua culinária pela Alemanha, para obter uma aproximação cultural por meio disso. Marc, amigo de seu filho, comeu comida baiana, adorou e repetiu, mas num certo dia não queria mais comer, pois a mãe dele reclamava do cheiro de alho que ele chegava em casa. Bento, filho do autor, convenceu a mãe de seu amigo a deixá-lo continuar a saborear as comidas brasileiras. Ele falou que se ela não o deixasse, o narrador iria chamá-la para todas as suas leituras e mandaria todos os seus livros para ela ler.	Culinária; Cultura brasileira e alemã (aproximação por meio da culinária).
O inverno, este desconhecido.	O narrador diz que é escritor e mente profissionalmente, mas tem coisas que são verdades e algumas pessoas, como o seu amigo pescador, não acreditam (pesca no rio congelado). O narrador faz comparações com o verão de Itaparica, sua terra natal, e o inverno de Berlim;	Choque cultural; Cultura alemã e brasileira; Diferenças climáticas.

	<p>Comparava, também, as horas que na Alemanha o sol aparecia depois das 10 horas da manhã, mas ele e sua família curtiram muito o inverno, mas, Bento não queria pescar no rio congelado, pois pensou que a fama de mentiroso de seu pai só aumentaria, que eles não acreditavam no Brasil, que haviam lugares que poderiam pescar em rios congelados.</p>	
Os índios de Berlim	<p>O narrador fala dos estereótipos do Brasil no exterior: País repleto de índios, a figura da Amazônia e a prática do canibalismo.</p>	<p>Identidade e cultura brasileira; Estereótipos do Brasil.</p>
Procurando o alemão	<p>O narrador conversa com o amigo, Dieter, que ele pensava que era alemão, pois ele não se identificava como sendo alemão, e ouviu dele, que Berlim não era a verdadeira Alemanha, pois tem gente do mundo todo lá. A língua tem várias vertentes. Então, o narrador vai para Munique, mas encontra muitos bávaros; por fim, o narrador se mostra preocupado em voltar ao Brasil e dizer que foi à Alemanha mas não a conheceu.</p>	<p>Identidade alemã e brasileira; Choque cultural; Língua; Estereótipos.</p>
Pequenos choques (Quatro anotações de um visitante distraído)	<p>Quatro choques culturais: o nudismo na Alemanha; a bandeja para colocar o dinheiro; a educação no trânsito; a falta de olhar. Fala dos alguns choques de</p>	<p>Choque cultural; Identidade brasileira e alemã.</p>

	<p>um estranho: o primeiro foi quando foi a um show no bairro do Halensee e as garçonetes seminuas serviam comidas e bebidas, e na praça do bairro tomavam sol nuas, era tão natural que ninguém olhava, e segundo o narrador, como bom brasileiro não iria mais a estes lugares.</p> <p>O segundo foi a bandejinha deixada perto dos caixas eletrônicos para colocar o dinheiro; e o taxi no Brasil quem pede a conta é o passageiro e na Alemanha é o taxista;</p> <p>O terceiro foi o tráfego, na Alemanha os motoristas são educados, mas os ciclistas não;</p> <p>O quarto foi o olhar, ausente, na Alemanha, que fez o narrador sentir saudades de sua casa.</p>	
Despedida	<p>Momento de despedida, em que traz à tona várias lembranças boas vividas em Berlim. Conta o momento da despedida, arrumando as coisas do apartamento para voltar ao Brasil. O narrador e sua família ficaram conhecidos pelos vizinhos, pelo carteiro, no supermercado e pelas crianças. O narrador comenta que aquele apartamento deixaria</p>	Identidade brasileira e alemã.

	saudades, diz que a Alemanha já se tornou uma amiga com uma certa intimidade, e que sentia ciúme do próximo inquilino.	
Storkwinkel 12,Rio	O narrador e sua família voltando para o RJ trouxeram muitas lembranças de Storkwinkel 12,Rio, muitas novidades culturais: gírias, dinheiro, corte de cabelo, alimentação, clima. Fala sobre uma readaptação em seu próprio país: trânsito, dinheiro.	Identidade e alteridade cultural.
Memória de livros	O narrador traz alguns elementos que fazem parte da sua identidade, relembra sua infância, morava em Aracaju, no fim da década de 40, cercado por livros, se questiona se sua infância foi normal,tem saudades de seus olhos de criança, dos livros velhos, da navegação infinita pela palavra de seus avós, de seu pai e do velho casarão.	Identidade; Suas origens.

ANEXO - Categorias geradas pelo *software Iramuteq*

Fonte: IRAMUTEQ, 2019.